

## 2

### Revisitando propostas de modelos societários

Neste capítulo foram promovidos recortes, ao longo da história, que nos remetem a diversas tentativas em configurar modelos societários diferenciados. Estes modelos se inserem no cenário das grandes utopias. Nascidos a partir de atitudes contestadoras à sua época, revelaram o desejo de transformação social em busca de uma melhor qualidade de vida. Através de movimentos românticos, ou revolucionários, estas novas configurações denunciaram as mazelas que circundavam a sociedade de suas épocas. Estas apresentavam-se através de diferentes variáveis, como, por exemplo: desigualdades sociais, lutas pelo poder e agressões à natureza. Nada diferente daquelas que, ainda hoje, enfrentamos na nossa contemporaneidade.

Por conseguinte, no panorama contemporâneo, o discurso da sustentabilidade, da mesma forma procura identificar as mazelas que circundam o sistema social. Elabora metas inovadoras que se esbarram num contexto social e político resistente às suas realizações.

O que se pretende visualizar, sobretudo através da apresentação dos recortes utópicos, é a impossibilidade de tratarmos o paradigma da sustentabilidade com o mesmo olhar com que são apresentadas as grandes utopias. No quadro atual, ao se propor um caminho programado em direção a uma sociedade sustentável, o texto que apresenta este programa se encontra descolado do *cenário da peça* que encenamos, ou assistimos, diariamente, no grande teatro contemporâneo. Portanto, estas revisitas representaram o ponto de partida para refletirmos sobre o discurso da sustentabilidade e seu contraponto: a insustentabilidade.

## 2.1 Utopia - Thomas Morus (1477-1535)



*Aspiro, mais do que espero.*

**Thomas Morus**

Thomas Morus<sup>2</sup> é considerado um dos grandes precursores de todos os grandes utopistas. A ilha imaginária descrita em sua obra, *Utopia*<sup>3</sup>, apresenta uma civilização em que os habitantes se organizam num sistema igualitário de bens. Acreditava-se só ser possível a felicidade perfeita entre os homens se a propriedade privada fôsse abolida. A ordem social é sustentada na família e no trabalho de todos. Esta sociedade idealizada representa um antagonismo à sociedade feudal de sua época. A motivação em Morus é a própria reação contra os males de seu tempo: a miséria de muitos. Os culpados pela miséria de acordo com Morus, são os grandes proprietários rurais que apesar de possuírem uma enorme quantidade de terras, transformam-nas em pastos para criação de carneiros. Na Inglaterra, no início do século XVI, o objetivo da transformação de terras cultiváveis em pastagens para alimentar a grande produção de lã, marca o início de um conflito econômico em relação ao uso da terra. Aqueles que dependiam da agricultura para sua sobrevivência compuseram a classe dos miseráveis, pois os grandes proprietários obtinham maiores lucros com a demanda de lã para as manufaturas. Desta forma, o início das manufaturas de lã

---

<sup>2</sup> A versão latinizada de seu nome é Thomas Morus. More é considerada a forma inglesa. Disponível em <http://www.educanet/morus.html>. Acesso em 21 set.2007.

<sup>3</sup> MORE, Thomas. *A Utopia*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.  
MORUS, Thomas. *A Utopia*. Tradução de Luís de Andrade. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

na Inglaterra é acompanhado da expulsão de grande parte dos agricultores do campo.

Espantam-se os Utopianos que alguém seja tão louco que se deleite com o brilho incerto de uma pérola ou pedra preciosa quando se pode olhar o brilho das estrelas e a luz do Sol; ou que alguém seja tão tolo que se considere mais nobre por se cobrir de lã mais fina, a mesma lã - por mais fina que agora seja - que um carneiro um dia usou e nem por isso deixou de ser carneiro.<sup>4</sup>

A intenção de Morus era apontar a possibilidade de libertar os indivíduos para o trabalho. Na Ilha da Utopia não existiriam parasitas, todos trabalhariam, apesar de insistir nas classes diferenciadas de trabalhadores. O que fica claro, em Utopia, não é a preocupação com as desigualdades, mas com a miséria.

Na primeira parte do livro, Morus cria um personagem fictício, Rafael Hitlodeu, que supostamente esteve por cinco anos na ilha Utopia, situada em algum lugar do Novo Mundo. Na segunda parte do livro, através do relato deste personagem, passamos a conhecer o modo de vida dos utopianos. Neste relato de Rafael, ao se descobrirem novas terras, com as grandes navegações, percebe-se que a surpresa maior fica por conta da revelação de organizações sociais, políticas e econômicas totalmente distintas do Velho Mundo.

Conforme acentua Martins<sup>5</sup>, o Novo Mundo da Utopia apresenta um Estado de hipercivilização, com propostas políticas humanistas extremadas. Propriedade comunitária de bens, nenhuma circulação de moeda, jornada de trabalho de no máximo seis horas, educação comunitária para as crianças, horas livre para o lazer coletivo, obrigatoriedade de trabalho para todos sem distinção de classe social, mão-de-obra feminina valorizada e governo de magistrados eleitos periodicamente, representam algumas das questões delineadas naquele país. Através da configuração destas questões, Morus redefine o cenário político e social de sua época. Sendo assim, *A Utopia* representa uma contida expressão do desejo de reforma social, política e religiosa do séc. XVI.

[...] A natureza não deu ao ouro e à prata virtude, cuja falta tenha inconvenientes para o homem, e foi a loucura humana que lhes deu tão grande valor, pela sua raridade. A natureza, pelo contrário oferece a descoberto as coisas melhores e mais necessárias: o ar, a água, e o próprio solo. E escondeu no seu seio os produtos vãos e inúteis<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> MORE. *Op.cit.*, 2005, p.73.

<sup>5</sup> MARTINS, Marília Soares. *A Terra Permitida: um estudo sobre as utopias de Thomas Morus e Charles Fourier*. Dissertação de Mestrado PUC-Rio, 1987, *passim*.

<sup>6</sup> MORE. *Op.cit.*, 2005, p.71.

Nesta afirmação deparamos com um quadro conflitante, que diz respeito à história da civilização sobre a valoração dos recursos naturais. Morus anuncia a base estrutural dos problemas sobre a degradação ambiental, enfrentados na nossa contemporaneidade. De que forma ele constrói seu pensamento? Revelando que a busca incessante pela diferenciação faz com que se imprima valor a certos objetos e materiais, e, através desta distinção, o poder se legitima.

Thomas Morus introduz em seu sistema social a escravidão. Porém, a escravidão, na ilha, corresponde a uma forma de punição por atos criminosos. Ao invés de construir espaços para abrigar criminosos, estes prestam árduos serviços à sociedade.

Punem de preferência com a escravatura os cidadãos que são acusados de grandes crimes ou os condenados à morte de origem estrangeira.[...] Nunca fazem escravos os prisioneiros apanhados nos campos de batalha, exceto se tiverem sido aprisionados com as armas na mão, nem também são escravos os filhos de escravos, nem mesmo os escravos de origem estrangeira que fujam para Utopia. [...] No entanto, tratam ainda mais duramente os seus próprios compatriotas, que consideram dignos de um castigo maior, por terem sido educados para a virtude numa república excelente, apesar de tudo isso, preferiram o crime<sup>7</sup>.

Morus desenha a ilha da Utopia demonstrando uma rejeição à sociedade de sua época. Mas, não pretende, com isso, concretizar aquilo que deseja. O autor deixa bem claro, no último parágrafo de sua obra: “[..] sou obrigado a reconhecer que há, na república da Utopia, muitas coisas que eu desejaria para os nossos países, considerado-se ainda que a minha expectativa vai além da esperança de o conseguir”.<sup>8</sup>

A palavra Utopia, criada por Morus a partir de um neologismo de origem grega, u-topos, o não-lugar, significa, literalmente, lugar nenhum. Porém, tem sido utilizada ao longo dos séculos por vários pensadores representando aquilo que se pretende atingir, ou, talvez, aquilo que apenas se deseja: um projeto irrealizável.

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.86.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.113.

*Um mapa do mundo em que não inclua a Utopia não merece nem ser olhado, pois deixa de fora o país no qual a Humanidade está sempre a desembarcar.*

**Oscar Wilde**



Figura 1- Mapa da Utopia: criado em 1516  
por Ambrosio Holbein<sup>9</sup>

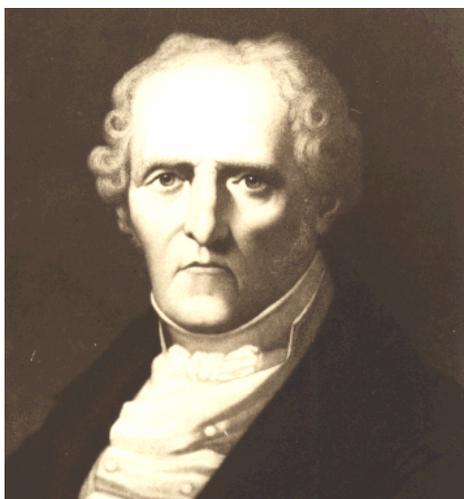
<sup>9</sup> Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra5/utopia/html>. Acesso 21 out.2007.

## 2.2

### O Socialismo Utópico - Charles Fourier (1772-1837)

*Nosso erro não é, como se acredita, o de desejar demais; é o desejar muito pouco. [...] Quanto mais os prazeres forem numerosos e freqüentemente variados, menos se poderá abusar deles.*

**Fourier**



De acordo com Teixeira<sup>10</sup>, Engels (1820-1895) cunhou o termo socialismo utópico, referindo-se a um grupo de pensadores, dentre eles Charles Fourier, Robert Owen e Saint Simon. Desta forma, com este termo, sua intenção era apontar as ambigüidades de suas idéias e propostas.

Cada um dos termos tem, no entanto, sua própria história. A palavra **socialismo** surgiu quase simultaneamente na França e Inglaterra, na década de 30 do século XIX, [...] posteriormente, passou a ser associada ao movimento de formação de cooperativas, só mais tarde adquirindo seu conteúdo atual, para designar um sistema social contraposto ao capitalismo. Já **utopia** tem como referência o livro de Thomas Morus.[...] A partir daí a palavra passou a designar projetos sociais, concebidos de forma quimérica, sem atenção aos aspectos políticos, práticos e

---

<sup>10</sup> TEIXEIRA, Aloísio (org.). *Utópicos, herédicos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

concretos, de sua construção, sendo por isso não só irrealizáveis como incapazes de superar inteiramente as instituições e a ideologia da sociedade que recusam<sup>11</sup>.

Charles Fourier nasce em Besançon, França, em 7 de abril de 1772. Fourier se torna insatisfeito com o modelo monárquico vigente. Mas sua insatisfação não o faz abraçar a luta política que originou a Revolução francesa. Sua posição se torna crítica em relação aos resultados obtidos pelo processo revolucionário e para tanto, se dispõe a buscar o caminho pelo qual a transformação da sociedade poderia ocorrer, efetivamente. Afirmava o pensador que a *Civilização* não era o destino da humanidade e sim uma forma particular de organização da vida em sociedade. Seu discurso apresenta, além da insatisfação com o sistema social, denúncias de cunho ambientalista. De acordo com seu relato, a interferência humana nas cidades e seu crescimento desordenado promoviam toda sorte de degradações, doenças e mazelas. Apontava também, no campo, a destruição das florestas e a poluição de águas potáveis<sup>12</sup>. Fourier, desta forma, anteviu o que dois séculos à frente a Ecologia indicaria como o desequilíbrio causado pelo homem no seu meio ambiente. Ao dissertar sobre sua indignação com as desigualdades sociais, enfatizava a forma com que os poderosos faziam uso dos mais pobres na busca do enriquecimento.

Toda a classe pobre está inteiramente privada da liberdade política ou social, reduzida a submeter-se a trabalhos assalariados que aprisionam tanto a alma como o corpo. Um subalterno que tivesse opiniões contrárias às do seu chefe seria demitido, perderia o emprego. Ele não tem, portanto, liberdade social ativa, não tem direito de opinião, nem mesmo nos limites do senso comum<sup>13</sup>.

Importante ressaltar a atenção que Fourier imprime à realização das paixões humanas. De acordo com o pensador, ao tentar reprimir as paixões, a civilização se volta contra a natureza, fazendo proliferar todo tipo de sofrimentos e infortúnios.

Conforme relata Konder<sup>14</sup>, referindo-se ao sistema fourierista, assim como no cosmo os astros se mantinham em equilíbrio porque eram atraídos uns pelos outros, a sociedade precisava alcançar seu equilíbrio através de um sistema: a

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 28-29.

<sup>12</sup> OC,VI, p.391 apud KONDER, Leandro. *Fourier, o socialismo do prazer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 67.

OC = Oeuvres Complètes, edição dos escritos de Fourier em 12 volumes, lançados nos anos sessenta pela editora Anthropos (*apud* KONDER, Leandro, *op. cit.*, 1998, p.75).

<sup>13</sup> OC, III, p.118 (*Ibidem*, p.23) .

<sup>14</sup> *Ibidem*, *passim*.

*Harmonia*. Tudo se apresenta, conforme expõe Fourier, numa relação de interdependência: o equilíbrio e a sincronização nos movimentos de todos os seres humanos têm a ver com o que se passa com a natureza em geral. Portanto, a força que move o universo e garante o equilíbrio de todos os seres é o que Fourier chama de *atração passional*. Neste sistema, os indivíduos teriam a possibilidade de liberar todas as suas paixões, e, em vez de se instaurar uma desordem, esta liberdade proporcionaria um equilíbrio entre as paixões. Estas *paixões radicais*, que seriam em número de treze, foram por ele assim descritas em grupos: as *sensitivas*: a paixão de ver, de ouvir, de poder sentir através do tato, do paladar e do olfato, as *afetivas*: amizade, ambição, amor e o sentimento de família. O último grupo por ele denominado de *distributivas* poderia ser desenvolvido quando fosse ultrapassado o estado da *Civilização*: a *cabalista* é a paixão pelo domínio, dando lugar de destaque às tensões provocadas pela diversidade inerente à coletividade. A *compósita*<sup>15</sup> representa a luta por algum princípio que o sujeito reconhece estar acima dele, a própria entrega do sujeito a uma causa ou ideal. A mais “saborosa” de todas, a de *variar ou borboletear*, introduz o sujeito a diferenciadas vivências, não se fixando mais de duas horas na mesma ocupação. A representação do movimento de uma borboleta permite a este novo homem, que vive na Harmonia, se sentir leve o suficiente, tanto para usufruir os prazeres momentâneos, como também para evitar que a angústia provocada por uma vida monótona e individualista o impeça de vivenciar os mais deliciosos prazeres proporcionados pelo prazer contínuo. Finalmente, a última das paixões tem como objetivo criar uma unidade com todas as outras paixões.

Fourier planeja uma sociedade ideal: a Falange experimental. Defendendo suas idéias através de uma nova organização social, descreve, meticolosamente, os edifícios-cidade denominados Falanstérios (palavra composta de falange e monastério), células-base de sua sociedade ideal. Prepara um resumo sobre sua doutrina, que transformou em livro: *O novo mundo industrial e societário*, publicado em 1829.

[...] a verdadeira associação - a arte de aplicar à indústria todas as paixões, todos os caracteres, gostos e instintos - constitui um novo mundo social e industrial; ele (o leitor) deve esperar encontrar nesta teoria princípios totalmente opostos a seus julgamentos - julgamentos esses que lhe apresentam o estado civilizado como caminho de perfeição e destino do homem, quando é evidente que o povo dos países mais civilizados é tão infeliz, tão pobre, quanto as populações bárbaras

---

<sup>15</sup> KONDER, Leandro. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

da China e da Indonésia; e que a indústria fragmentada ou negócio familiar não é senão um labirinto de miséria, injustiça e falsidade.<sup>16</sup>

Nos falanstérios viveriam 810 homens e igual número de mulheres, onde os desejos humanos não seriam reprimidos. No relato de Beecher<sup>17</sup>, Fourier calculou o número de indivíduos, homens e mulheres, de acordo com a quantidade necessária para constituir a escala completa dos 810 tipos de paixão. Sendo assim, esta organização societária seria formada por grupos de indivíduos que tivessem, entre si, alguma afinidade. Mas no ideário de Fourier esta afinidade não se limitaria ao objetivo único de as pessoas viverem bem em conjunto, mas também de perceberem o contraste com os outros grupos, respeitando a diversidade.

Fourier imagina o falanstério situado na zona rural, com abundância de água e com o solo adequado para a agricultura. Todavia, esclarece, que não se deve estar distante de uma grande cidade. Fourier<sup>18</sup>, acreditava que através das taxas pagas pelos visitantes, que se interessassem em conhecer a Falange experimental, surgiriam bons lucros. Sobre esta questão, ousaríamos questionar: o Falanstério estaria exposto como uma sociedade do espetáculo, uma grande Disneyworld? Aqui se instaura uma questão: a tentativa de obter lucro com a abertura do Falanstério à visitação pública permitiria a mercantilização de um cenário “exótico”? De que forma os preceitos fundamentais do Falanstério estariam preservados para a comunidade, ou se tornariam uma grande exibição?<sup>19</sup>

O objetivo primordial de toda a estruturação desta sociedade ideal se volta para a introdução do binômio trabalho e prazer. Contudo, em que lugar, no panorama atual, se estabelecem os parâmetros para encontrarmos o *prazer* - aqui entendido como o *bem-estar* almejado pelos princípios da sustentabilidade? O que Fourier proclama é a incapacidade de um processo revolucionário modificar

---

<sup>16</sup> FOURIER, Charles. apud TEIXEIRA, Aloísio (org.). *Utópicos, herédicos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.71-72.

<sup>17</sup> BEECHER, Jonathan. *Charles Fourier, the Visionary and his World*. Berkeley: University of California Press, 1986.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> Podemos considerar que questões desta ordem são vastamente discutidas por Canclini, quando ele se reporta à apropriação da cultura popular pela indústria cultural, na nossa contemporaneidade. Cf. CANCLINI, Néstor Garcia. *As Culturas populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

o quadro de miséria e exploração das classes pobres. Mas quando Fourier aponta *que a pobreza é a mais escandalosa das desordens*, sua fala se transporta para o ano de 1972, na Conferência de Estocolmo<sup>20</sup>, quando Indira Gandhi - na época Primeira Ministra da Índia - afirmou *que a maior poluição do mundo é a pobreza*.

Há necessidade de se implementar um descolamento da realidade, tal como ela se nos apresenta, para penetrar no imaginário fourierista. Seu mundo fantástico - após uma aproximação menos preconceituosa dos seus delírios - nos faz rir dos nossos próprios infortúnios, por ele anunciados. Como exemplo, sua afirmação de que ocorreria o derretimento das calotas polares. Ora, hoje nos vemos às voltas com o aquecimento global e tudo que se supõe ser por ele gerado, inclusive o *derretimento das calotas polares*. Será que só nos faltará desenvolver a cauda a partir do cóccix (considerada por ele uma alteração que ocorrerá no corpo humano na Harmonia) como uma forma de desenvolvimento grotesco da raça humana para impedir a sua própria extinção?

Fourier desenha uma perspectiva de equilíbrio na *Harmonia*, que se repete, através de diferentes configurações, ao longo da história da humanidade. Este ideário, na conceituação da sustentabilidade, é revelado através do tripé que conecta as dimensões sociais, ambientais e econômicas.

Mas, o que diria, hoje, Fourier sobre o falseamento imposto pela nossa contemporaneidade? Falseamento este que elabora metas delirantes a serem alcançadas, na tentativa de mitigar as mazelas da nossa civilização. Tantos séculos se passaram que, talvez, ele, desconcertado, optaria por movimentos revolucionários...

Em 1971, Roland Barthes lança um livro sobre os escritos de Sade, Fourier e Loiola<sup>21</sup>. Confere-lhes a importância de fundadores de línguas. A língua a que Barthes se refere não é natural. Portanto, imprime a eles o atributo de *formuladores*, pela justificativa de não poderem se situar na categoria de

---

<sup>20</sup> Denominação comum da Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano. Foi realizado em Estocolmo em 1972 o primeiro encontro mundial para se tratar das relações e compromettimentos entre o meio ambiente e o desenvolvimento humano. Esta Conferência é considerada um marco histórico político internacional.

<sup>21</sup> BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Tradução: Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1971.

pensadores ou filósofos. Para tanto, ao fundar uma língua nova é necessário teatralizar: *“Que é teatralizar? Não é decorar a representação, é eliminar a linguagem”*.

Barthes ressalta a importância social de um texto pelo seu caráter intervencionista, que não se concretiza, na maior parte das vezes, na época em que o texto é escrito. Cabe, aqui, salientar a observação feita por Konder<sup>22</sup>:

*O que diria o policial que o classificou de maluco inofensivo se soubesse que em maio de 1968 os estudantes franceses sacudiram as universidades em nome de Fourier?*

*Imagino Fourier, que acreditava na reencarnação, reencarnado num daqueles agitadores do Quartier Latin, defrontando-se com um guarda e gritando para a autoridade: “Maluco, talvez. Inofensivo, nunca!”*

Fourier proclamava-se inventor, e não escritor. Para refazer o mundo, teria que decifrá-lo. Conforme disserta Barthes<sup>23</sup>, a Harmonia leva o prazer às suas últimas instâncias, considerando a transformação do trabalho em prazer “[...] e o próprio prazer transforma-se num valor de troca, pois a Harmonia reconhece e até venera a prostituição coletiva, sob o nome de Angelicato: ele é, de certo modo, a mónada energética que assegura, com seu lance e alcance, o movimento societário”.

Na Harmonia o dinheiro é enaltecido como variável integrante do prazer. Segundo Barthes<sup>24</sup>, *“esta seria uma perspectiva escandalosa para os nossos dias, no entender dos próprios contestatários, que condenam todos os prazeres provenientes do modelo burguês”*.

A associação, ao substituir a competição individual, não solidária, falaciosa, arbitrária e complicadora por um esforço corporativo, solidário, verídico, seguro e simplificador, precisará apenas da vigésima parte dos braços e do capital empregados pela anarquia mercantil.

Os homens civilizados se dispõem a enfrentar fadigas, perigos e naufrágios com a intenção de duplicar suas fortunas e obter lucros desprezíveis. Associados, teremos possibilidades de quadruplicar rapidamente nossa fortuna sem risco algum, preservando nossa saúde e nosso pecúlio<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> KONDER, Leandro. *Op. cit.*, 2007, p.43.

<sup>23</sup> BARTHES, Roland. *Op. cit.*, 1971, p.87.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p.90.

<sup>25</sup> FOURIER, C. Trechos de o *Novo Mundo Industrial e Societário*, 1829. Notas de aula do Prof. Leandro Konder.

Como se não fosse suficiente toda a sua transgressão frente à Civilização, Fourier aborda, ainda, temas sobre climatologia, geografia física e astronomia. Muitos destes delírios já se tornaram realidade. Nossa cultura modificou o clima e a geografia da Terra, por conta de catástrofes provocadas pelas ações destrutivas vindas a reboque de um discurso dominador.

Segundo o relato de Konder<sup>26</sup>, nos escritos de Marx e Engels há inúmeras referências a Fourier. Engels enaltece as críticas de Fourier às relações sociais, feitas com tanta agudeza, graça e humor. Engels também atribui ao pensador o mérito de ter “*desvelado impiedosamente a miséria moral e material do mundo burguês*”.

As relações construídas nas entrelinhas do seu discurso ainda apresentam vários enigmas a serem decifrados. Portanto, não podemos detectar até que ponto seus delírios em relação à degradação humana e ambiental pertencem à ordem da invenção, ou parecem conter uma possibilidade de anunciação. Na verdade, a importância do legado de Fourier pode ser contemplada em dois momentos diferenciados. No primeiro momento, na sua reflexão utópica sobre o que na nossa contemporaneidade nomeamos como parâmetros para se atingir a sustentabilidade. No segundo momento, na proposta de uma organização humana harmônica semelhante aos modelos que hoje encontramos, por exemplo, nas ditas *ecovillages*<sup>27</sup>.

A utopia fourierista incentiva uma ação intervencionista, alterando os parâmetros do que se entende por sociedade, introduzindo, desta forma uma questão tão atual sobre o conceito de comunidades sustentáveis. Ousaria comparar a formação dos Falanstérios, tão *milimetricamente* preconcebidos nos seus paradigmas, com os grandes condomínios fechados que compõem o cenário urbano da nossa contemporaneidade: auto-suficientes e *com promessa garantida de compra de uma vida feliz*. Conforme acrescenta Barthes<sup>28</sup>, o

---

<sup>26</sup> KONDER, Leandro. *Op. cit.*, 1998.

<sup>27</sup> As ecovillages são comunidades urbanas ou rurais, que tem por objetivo integrar uma forma de vida que produza o mínimo de impactos no meio ambiente, e por um estilo de vida comunitário e solidário, respeitando as diferenças sociais, integrando, inclusive pessoas que pertençam a setores marginais da sociedade. Em 1998, as ecovillages, que podem ser encontradas em todo o mundo, foram consideradas pelas Nações Unidas como sendo um modelo de vida sustentável. (<http://www.gen.ecovillages.org>)

<sup>28</sup> BARTHES, Roland. *Op. cit.*, 1971, p.84, *passim*.

Falanstério corresponderia, hoje, ao clube de férias, ao turismo, com sua população classificada e seus prazeres planejados. Portanto, utilizando este exercício irônico, a utopia fourierista estaria sendo apropriada, transformada num pastiche, esvaziada do seu conteúdo político, com a finalidade de “calcular” o nosso prazer. Seriam os sonhos da utopia retomada, na contemporaneidade, sob a forma de pesadelo.

Desviarei o foco, neste momento, para direcioná-lo a outra grande questão que aqui merece ser discutida à luz do pensamento fourierista: um dos grandes problemas que enfrentamos na economia atual se encontra no deslocamento sobre a origem da produção dos bens de consumo, para os locais de sua comercialização e, posteriormente, recepção. Este deslocamento não só gera um aumento abusivo no preço da mercadoria, como também graves problemas sociais. Neste contexto é importante narrarmos o caso da “maçã”. Fourier relata que ao pagar uma conta num restaurante em Paris, percebe que o preço pago pela maçã consumida tinha seu preço aumentado mais de cem vezes em relação ao preço de sua origem produtiva, que era sua cidade natal, Besançon. A partir de então, começa a desenvolver toda sua percepção a respeito dos desacertos provocados pela civilização. O poder dos comerciantes é rechaçado por Fourier considerando até a forma de circulação de mercadorias como uma “ditadura dos comerciantes”.<sup>29</sup> A economia societária fourierista dá ênfase à produção livre do poder da comercialização: “As manufaturas em lugar de estarem como hoje concentradas nas cidades, onde se amontoam formigueiros de miseráveis, serão distribuídas por todos os campos e falanges do globo”.<sup>30</sup>

O que Fourier consegue visualizar é uma urgência na ruptura de paradigmas, que até hoje se perpetuam, do programa civilizatório. Fourier não poupa críticas nem ao campo que hoje o legitima: o campo erudito. Em *Novo Mundo Industrial e Societário*, Fourier afirma que o mundo erudito está imbuído de uma doutrina moral que é inimiga mortal das atrações e das paixões.

[...] à minha ignorância que o século deve agradecer a sorte que, arrancado-me dos estudos para me exilar e aprisionar na caixa do banco forçou-me a cultivar meu próprio espírito, ignorar as controvérsias de outros para ocupar-me de minhas idéias e valorizar o gênio inventivo de que me dotou a natureza<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> OC, I, p.222 apud KONDER, Leandro. *Op. cit.*, 1998, p.45.

<sup>30</sup> Relato de Fourier. Notas de aula do Prof. Leandro Konder.

<sup>31</sup> *Idem*.

Esta repulsa pelo acúmulo de saberes, caracterizando o mundo erudito, a cultura, foi também abordado por outro pensador contemporâneo, Jacques Lacan (1901-1981). Nos anos de 1967 e 1968, Lacan proferiu várias conferências, posteriormente registradas no livro *Meu ensino*<sup>32</sup>. Na conferência que teve, neste livro, o título de *Meu ensino, sua natureza e fins*, Lacan introduz a afirmação de que para existir uma civilização há que se ter um sistema de esgotos. A partir daí, insinua que deveríamos perceber a grande analogia que existe entre o sistema de esgotos e a cultura.

[...] É sempre chocante falar sobre isso, embora isso sempre tenha feito parte da civilização. Uma grande civilização é em primeiro lugar uma civilização que possui um sistema de esgotos. Enquanto não partimos de coisas desse gênero, nada diremos de sério.

Nos povos designados primitivos, há menos problemas de esgoto. E talvez seja porque tivessem menos problemas deste tipo que foram chamados de selvagens, e mesmo de bons selvagens, e que os consideremos pessoas mais próximas da natureza<sup>33</sup>.

Mas no que diz respeito à equação grande civilização=canos e esgotos, isso não tem exceção. Na Babilônia, há esgotos, em Roma não tem outra coisa. A Cidade começa assim, *Cloaca máxima*. O império do mundo lhe estava prometido. Deveríamos, então, ter orgulho disso. A razão pela qual isso não acontece é que, caso dêssemos toda a importância a esse fato, perceberíamos a prodigiosa analogia entre o sistema de esgotos e a cultura.

Isso agora não é mais um privilégio. Todo o mundo está coberto. A cultura está congelada sobre nós. Apertados como estamos nessa carapaça de dejetos que também vem dali [...].<sup>34</sup>

Não creiam por isso que a cultura seja um objetivo que eu desaprove. Longe disso. Ela dispensa. Dispensa completamente a função de pensar.[...] Em que se pensa? Nas coisas de que não se é absolutamente senhor, que é preciso girar, rodopiar, sessenta e seis vezes no mesmo sentido antes de conseguir compreender. É isso que se pode chamar de pensamento. Ao cogitar, eu agito, eu vasculho. Isso só começa a ficar interessante quando é responsável, isto é, traz uma solução formalizada. [...].<sup>35</sup>

De acordo com o cenário delineado por Lacan, torna-se mais fácil entendermos, hoje, como Fourier apresentava suas idéias. Considerava-se um inventor e, para tanto, não via muita importância nos conhecimentos eruditos e na formação acadêmica. De acordo com estes dois pensadores, de épocas tão distintas, podemos intuir que as idéias inovadoras, para serem assim consideradas,

<sup>32</sup> LACAN, Jacques. *Meu Ensino*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p.77.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.76.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p.77.

necessitam de uma construção a partir de um imaginário que consiga provocar um deslocamento do saber instituído. Acontece, a sua revelia.

Importante sublinhar que Fourier teve inúmeros seguidores, e várias tentativas de implantações de Falanstérios foram realizadas em diferentes lugares. Todas fracassadas. Curiosamente, uma delas foi no Brasil, por iniciativa de um dos seguidores de Fourier, o médico homeopata francês, de Lyon, Benoit Jules Mure.

Mure, entusiasmado com as idéias de Fourier, conforme relata Thiago<sup>36</sup>, vem da Europa para se instalar, com cerca de 217 franceses, na Península de Saí, situada na Província de Santa Catarina, em frente à ilha de São Francisco do Sul.

Através de articulações no Brasil com o objetivo de proporcionar um incentivo à colonização brasileira, Mure não encontrou dificuldades em convencer um número razoável de franceses a empreender uma nova vida num país promissor. Com o apoio de D. Pedro II, Mure recebeu terras na Península do Saí para colonizar. Foi realizado um contrato em 11 de dezembro de 1841, que estabelecia a emigração da França de 500 pessoas, e, sendo assim, Mure receberia um adiantamento de 10 mil réis para construir ranchos com a finalidade de instalar as famílias emigrantes. Esta soma não representaria um donativo, mas deveria ser devolvida com os devidos juros em parcelas anuais.

Os falansterianos de Lyon, parceiros de Mure na França: Jamain e Derrion, não estavam satisfeitos com as atitudes de Mure no Brasil. Chegaram, inclusive a duvidar se ele não estaria recebendo terras em seu próprio nome e utilizando o dinheiro da associação indevidamente. Mure refutava, afirmando que toda esta desconfiança da desordem moral era fruto da infiltração de adeptos de Saint Simon na Colônia, em relação aos quais Mure cultivava uma grande divergência.

Em 14 de dezembro de 1841, chegavam no porto do Rio de Janeiro, 100 franceses com sonhos fourieristas. A origem urbana deste grupo, era logo identificada pelos seus trajes. Decididamente não eram simples pessoas do

---

<sup>36</sup> THIAGO, Raquel S. *Fourier: Utopia e Esperança na Península do Saí*. Florianópolis: Editora da FURB e Editora da UFSC, 1995.

povo. Pertenciam à burguesia francesa e sendo assim, não deveriam estar preparados para enfrentar o trabalho nas matas do Saí.

Com a chegada de Jamain e Derrion na Colônia, as discórdias aumentaram e já era possível vislumbrar o fracasso do falanstério no Brasil. Mure se afasta em 1843 e Derrion é citado, em 1844, como o último líder da Colônia do Saí. Desta experiência de fundação de uma sociedade ideal, a impressão que permanece é a de total desilusão em construir uma vida comunitária regida pelo binômio trabalho e prazer.

Destaco, por fim, parte do *folheto* escrito por Engels e publicado, primeiramente, na França, em 1880, com o título *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*.<sup>37</sup>

[...].Contudo, onde mais sobressai Fourier é na maneira como concebe a história da sociedade. Fourier divide toda a história anterior em quatro fases ou etapas de desenvolvimento; o selvagismo, a barbárie, o patriarcado e a civilização, esta última coincidindo com o que chamamos hoje sociedade burguesa, isto é, com o regime implantado desde o século XVI, e demonstra que a “ordem civilizada eleva a uma forma complexa, ambígua, equívoca e hipócrita todos aqueles vícios que a barbárie praticava no meio da maior simplicidade.

Para ele a civilização move-se num “círculo vicioso”, num círculo de contradições, que se reproduz constantemente sem poder superá-las, conseguindo sempre o contrário do que deseja ou alega querer conseguir. E assim nos encontramos, por exemplo, com o fato de que “na civilização, a pobreza brota da própria abundância”. Como se vê, Fourier maneja a dialética com a mesma maestria do seu contemporâneo Hegel. Diante dos que enchem a boca falando da ilimitada capacidade humana de perfeição, põe em relevo, com igual dialética, que toda a fase histórica tem sua vertente ascensional, mas também a sua ladeira descendente, e projeta essa concepção sobre o futuro de toda a humanidade. E assim como Kant introduziu na ciência da natureza o desaparecimento do futuro da Terra, Fourier introduz no seu estudo da história a idéia do futuro desaparecimento da humanidade.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Tradução Roberto Goldkorn. 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 1981.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 38-39.

### 2.3

## A Vida nos Bosques e a Desobediência Civil

### Henry D. Thoreau (1817-1862)

*Não me proponho escrever apenas uma ode ao desânimo, mas a gargantear com o vigor de um galo matutino empertigado no poleiro, nem que seja para acordar os vizinhos.*

### **Thoreau**



Filósofo, escritor e naturalista americano. Thoreau é mais conhecido por sua obra literária, *Walden ou a Vida nos Bosques*<sup>39</sup>, um ensaio sobre o homem e a natureza, publicado pela primeira vez em 1854.

Considerada uma das obras literárias mais representativas do Transcendentalismo<sup>40</sup>, *Walden ou a Vida nos Bosques*, representa para Thoreau um movimento de resistência, solitário, com o objetivo de aprender a viver de uma forma completamente independente das pressões econômicas e políticas. Walden é um lugarejo próximo a Massachusetts, onde Thoreau se isolou por

---

<sup>39</sup> THOREAU, Henry D. *Walden ou a vida nos bosques*. Tradução Astrid Cabral. 2ª ed. São Paulo: Global, 1984.

<sup>40</sup> Crença filosófica em uma realidade que transcende a experiência cotidiana, ou conhecimento que transcende a razão; também os princípios filosóficos e sociais do movimento transcendentalista da Nova Inglaterra, que floresceu de 1840 a 1850. (In: ROHMANN, Cris. *O Livro das Idéias*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p.409) .

dois anos (1845-47), em uma cabana rústica, no meio da floresta, por opor-se aos impostos de guerra (*Guerra entre os Estados Unidos e o México -1846 - 48, que resultou na anexação do Texas e na compra do Novo México e da Califórnia*). Esta atitude é por ele justificada no texto *Desobediência Civil*<sup>41</sup>, escrito em 1849.

“Simplificar, simplificar”. Este era o lema adotado na sua experiência em Walden. A destruição da natureza, assim como o consumismo desenfreado, não constituíam preocupações de sua época. Mas Thoreau já tratava o homem como parte integrante do ecossistema. Sua denúncia sobre os males que a cultura materialista provoca nos valores essenciais do ser humano representa a anunciação de toda uma geração de pensadores, que até os dias de hoje se perpetua.

Cabe aqui salientar o discurso comum a Thoreau em outro autor, do século XX, de importância incontestável: E.F. Schumacher, economista inglês, que abordou em seu livro *Small is beautiful*<sup>42</sup>, publicado em 1973, o mesmo questionamento sobre o modo de vida calcado nos valores materiais que Thoreau tanto combatia. Schumacher exerce uma reflexão crítica aos processos econômicos que não levam em consideração as pessoas em seus aspectos essenciais, relatando que o homem moderno não se coloca como parte da natureza.

[...] Cada vez maiores máquinas impondo concentrações ainda maiores de poderio econômico e exercendo violência sempre maior contra o meio ambiente, não constituem progresso: elas são uma negação da sabedoria. A sabedoria exige uma nova orientação da ciência e da tecnologia para o orgânico, o suave, o não-violento, o elegante e o belo.<sup>43</sup>

Schumacher introduz o conceito do *capital natural*,<sup>44</sup> atribuindo ao ambiente da natureza denominações que fazem parte do campo da Economia. Desta forma, de acordo com o autor, se tratássemos a natureza como *bem de capital*<sup>45</sup>,

<sup>41</sup> THOREAU, Henry D. *Desobediência Civil*, p.305 ( in THOREAU, Henry D. *Walden ou a vida nos bosques*. Tradução Astrid Cabral. 2ª ed. São Paulo: Global, 1984) .

<sup>42</sup> SCHUMACHER, E.F. *O negócio é ser pequeno*. (small is beautiful): um estudo de economia que leva em conta as pessoas. Tradução Octávio Alves Velho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.28.

<sup>44</sup> Cf. HAWKEN, Paul; LOVINS Amory; LOVINS, L. Hunter . *Capitalismo Natural: criando a próxima revolução industrial*. Tradução A. de Araújo ; Maria Luiza Felizardo. São Paulo: Cultrix, 2000.

<sup>45</sup> Bens de capital são os bens que servem para a produção de outros bens, tais como máquinas, equipamentos, material de transporte e construção. (In: Dicionário de Economia da Universidade de Brasília.)

deveríamos nos preocupar com a sua conservação, utilizando o binômio utilização/possibilidade de renovação. Mas o que Schumacher evidencia é que estamos considerando a natureza como *bem de consumo*<sup>46</sup> e, como ocorre em um processo econômico, os bens de consumo acabam se desvanecendo. Conforme o pensamento marxista,... *se desmancham no ar*.

Em alguns trechos, que reproduzo a seguir, Thoreau, em seu livro *Walden*, imprime uma atitude questionadora sobre a condição humana, no contexto de sua época, que não foge das denúncias realizadas na nossa contemporaneidade.

*Contudo os homens trabalham à sombra de um erro, lançando ao solo para adubo o que têm de melhor. Por uma sina ilusória, vulgarmente chamada necessidade, desgastam-se, como se diz num velho livro, a amontoar tesouros que a traça e a ferrugem estragarão e que surgem ladrões para roubar. É uma vida de imbecis, como perceberão ao fim dela, se não antes.*<sup>47</sup>

*As qualidades mais requintadas de nossa natureza, feito a pelúcia de certos frutos, só podem ser preservadas pelo manuseio delicado. E, contudo, não nos tratamos assim ternamente, nem a nós mesmos, nem aos outros.*<sup>48</sup>

*[...] Muito melhor seria sentar ao ar livre, pois a poeira não se acumula sobre a grama, a não ser nos trechos em que o homem arrancou-a do solo.*<sup>49</sup>

*Por avareza e egoísmo, e por um hábito rastejante de que nenhum de nós está livre, o de encarar o solo como propriedade, a paisagem é deformada, a lavoura degradada conosco e o agricultor vítima da pior das vidas. Conhece a natureza, porém como saqueador.*<sup>50</sup>

---

Disponível em <http://www.unb.br/face/eco/inteco/paginas/dicionariob.html>. Acesso 30 out. 2007.

<sup>46</sup> Bens que têm por fim serem consumidos e que não geram outros bens. (*Ibidem*)

<sup>47</sup> THOREAU, Henry. *Op.cit.*, p.19.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.20.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p.45.

<sup>50</sup> *Ibidem*,p.159.

*A não ser quando nos perdemos, ou em outras palavras, quando perdemos o mundo, é que começamos a nos descobrir e perceber onde estamos e o infinito alcance de nossas relações.*<sup>51</sup>

*As virtudes de um homem superior são como o vento, as do homem comum como o capim; o capim se dobra quando o vento passa sobre ele.*<sup>52</sup>

Se, por um lado, Thoreau é o herdeiro tardio do otimismo de Rosseau (1712-1778) com relação ao homem e à natureza, é, por outro lado, o avô espiritual do movimento “hippie”. Mas a importância do posicionamento de Thoreau vai além: suas idéias influenciaram o movimento de resistência passiva de Gandhi, na Índia.

[...] Negando-se a pagar os impostos ao Estado, que à sua época financiaram a escravidão e a guerra de expansão imperialista no México, inaugura, como vimos, a atitude de resistência pacífica, fator decisivo na luta pela independência da Índia e semente de reivindicações sociais como as greves.<sup>53</sup>

No ensaio sobre a *Desobediência Civil*, Thoreau inicia o primeiro parágrafo de seu texto questionando o papel do governo:

De todo coração aceito o lema: “O melhor governo é o que governa menos”, e gostaria de vê-lo posto em execução de modo mais rápido e sistemático. Levado a efeito há de redundar finalmente noutro, de que também estou convicto: “O melhor governo é o que não governa de maneira nenhuma”.

A reflexão de Thoreau, quer seja em *Walden* ou em *Desobediência Civil*, revela a insatisfação sobre a forma de o homem corromper a relação com seu entorno e com outros indivíduos. Ao assumir uma postura questionadora, Thoreau se isola, negando o papel do Estado, porém, conferindo ao indivíduo uma atitude de resistência para promover o respeito pela vida, em todas as suas nuances.

---

<sup>51</sup> *Ibidem*, p.164.

<sup>52</sup> *Ibidem*, loc.cit.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p.12. *Introdução da tradutora.*

## 2.4 Anarquismo Experimental da Colônia Cecília (1890)



O pensamento anarquista moderno (séc.XIX e início do séc.XX), apresenta várias configurações que tem por objetivo final a edificação de uma sociedade libertária. Desta forma, constituída por homens livres, a abolição do Estado e da propriedade privada dos meios de produção seriam as premissas para que se efetivasse a conciliação da singularidade individual com os interesses coletivos.

De acordo com Luizzetto<sup>54</sup>, Bakunin, um dos grandes representantes deste movimento, ressaltava que a revolução social, desejada pelos anarquistas, revelava um momento único, por ele assim anunciado: *o momento da destruição da ordem vigente deve coincidir plenamente com o momento de constituição da nova sociedade*. Esta afirmação teve seu desdobramento numa “fórmula famosa”: *a ânsia de destruir também é uma ânsia criativa*.

A constituição de uma nova modalidade de família excluía qualquer interferência religiosa, legal, moral ou econômica. O que movia esta nova família seria somente o amor. E, para muitos anarquistas o amor livre era o que melhor representaria a sociedade libertária, pois, não bastava abolir a opressão do Estado se não ocorressem mudanças profundas nas relações afetivas marcadas por dogmas e preconceitos escravizantes.

---

<sup>54</sup> LUIZZETTO, Flávio. *Utopias Anarquistas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

Imbuído dos ideais anarquistas, Giovanni Rossi (1856-1943), médico veterinário, publica na cidade de Milão, em 1878, um livro - *Comune Socialista* - expondo as bases de seu anarquismo socialista. Aos burgueses esclarece:

Anarquia e desordem, hierarquia e ordem são escritos de vossos dicionários de sinônimos. Nós, porém distinguimos a ordem natural da ordem superficial. [...] a vossa ordem parece-nos um monte de grilhões que envolvem um cadáver em plena decomposição: parece-nos, e realmente é, uma tremenda desordem na ordem natural.<sup>55</sup>

Posteriormente, escreve um livro sobre uma sociedade anarquista socialista, intitulado *Poggio del Mare*. Nele, Rossi apresenta, através da ficção, o que seria seu projeto de instalar, experimentalmente, uma colônia anarquista. Uma das personagens desta ficção chama-se Cecília, por quem Cardias se apaixona - a fala de Rossi se revela através de Cardias.

Sua obsessão pela liberdade individual e o amor livre se revela principalmente nos direitos da mulher de assim exercê-los em sua plenitude. Portanto, introduz o casamento poliândrico como uma nova organização familiar: o relacionamento de dois ou mais homens com a mesma mulher.

Rossi não acreditava que as questões sociais pudessem ser resolvidas com aumento de salários ou com a participação nos lucros das empresas. Conforme seu relato, a propriedade individual, responsável pela miséria de uns e pela corrupção de todos, precisava ser eliminada. Por conseguinte, só há uma forma: a imposição da propriedade coletiva. O bem-estar pessoal, vinculado ao bem-estar coletivo proporciona estímulo ao trabalho. Assim teorizava Rossi...

De acordo com seu pensamento, não bastava apresentar teorias sobre uma sociedade justa, era imperativo exibir uma comprovação através de uma colônia experimental.

Em 20 de fevereiro de 1890, partia de Gênova um navio com destino ao Brasil e entre os passageiros, encontravam-se os seis italianos que fundaram a Colônia Cecília.

---

<sup>55</sup> ROSSI, Giovanni. *Comune Socialista*, 1878 apud NETO, Candido de Mello. *O Anarquismo Experimental de Giovanni Rossi: De Poggio al Mare à Colônia Cecília*. Ponta Grossa, PR: UEPG, 1998, p.25.

De acordo com Neto<sup>56</sup>, as histórias envolvendo D. Pedro II e a hipotética doação de terras integram divulgações populares. O terreno não foi doado para a instalação da Colônia, mas adquirido ao preço de 15 libras por hectare, com a condição de pagamento após cinco anos. A passagem dos imigrantes, esta sim, era custeada pelo governo brasileiro, com o objetivo de facilitar o povoamento do país.

### ***Giovanni Rossi***

#### **imigrante italiano, fundador da comunidade anarquista na cidade de Palmeira (Paraná) no ano de 1890.**

O objetivo de Rossi em criar a colônia era comprovar suas idéias através de um experimento. Portanto, enquanto a experiência ocorria, Rossi anotava minuciosamente tudo o que era por ele observado. Desde as dificuldades enfrentadas até o comportamento dos indivíduos da comunidade. Sua maior preocupação era assegurar a não-existência de um poder constituído. Sua premissa era a de que a família consolida a estrutura do poder e, sendo assim precisava ser destruída. De acordo com seu ideário “*a solidariedade permanece uma teoria enquanto o homem vê de um lado a mulher e os filhos, e do outro lado, a humanidade*”. Com a introdução do casamento poliândrico Rossi acreditava que havendo mais de um pai, os filhos seriam filhos da comunidade. Mas apesar de ele próprio ter se unido a um casal, houve resistência por parte dos imigrantes em dar continuidade a este novo modo de organização social.

Em 1891, um ano após a fundação da colônia, ocorre uma grande desestabilização, entendida por Rossi como o primeiro fracasso: o roubo da caixa social. Sete famílias retiram-se da colônia, apossando-se do capital social. Rossi reorganiza a colônia, introduzindo mais imigrantes.

No ano de 1893 Rossi declara ter completado seu ensaio sociológico, e a Colônia Cecília caminha para a sua dissolução. Em suas anotações argumenta que a Colônia se dissolveu “*porque era pobre e era pobre porque começou com pouquíssimos meios, com pessoas incapazes para os trabalhos agrícolas, estando em um meio a uma vida que lhes era economicamente estranha. [...] O entusiasmo é um estado que passa e esfriou nos cecilianos*”.

---

<sup>56</sup> *Ibidem*, passim.

No anarquismo, Rossi procurava uma forma de liberdade sem limites. Sendo livres, os indivíduos poderiam alcançar um modo de vida fraterno e por conseguinte, a sociedade se tornaria mais justa e igualitária.

***A Colônia serviu para provar que sem os laços de família é possível levar vida anarquista, e que o socialismo só será viável se tiver capacidade de produzir bens materiais suficientes, garantindo condições dignas aos trabalhadores; caso contrário, eles preferirão sempre a exploração dos capitalistas.***

**Giovanni Rossi**

Afonso Schmidt, jornalista, poeta e romancista paulista, publicou em 1942 um romance sobre a Colônia Cecília. O autor sustenta que: *há uma velha tendência para dar-se a certos termos uma significação pejorativa, a fim de malsinar o pensamento que eles representam. Anarquia, por exemplo, que apenas quer dizer negação de autoridade, é repetida a cada passo como sinônimo de desordem.*<sup>57</sup>

Um dos aspectos relevantes desta obra se deve à compreensão de Schmidt sobre a dificuldade de se implantar uma sociedade nova e livre, *com homens emprestados de uma sociedade velha*. Rossi, desiludido declara:

A sociedade velha deformou a nossa compreensão da vida. Somos uns pobres chineses a quem, de um momento para outro, houvessem tirado os sapatinhos de ferro que durante milênios lhes foram deformando os pés. Estamos livres, mas não sabemos andar. Conquistamos a liberdade, mas para morrer de fome.<sup>58</sup>

Finalizando, é importante sublinhar que todas as *revisitas* efetuadas tiveram como objetivo examinar propostas de novos estilos e hábitos de vida desenvolvidos a partir da construção de novos *modelos societários*. Estas propostas utópicas - ocorridas ao longo de séculos - foram examinadas para que fosse possível refletir, no capítulo quatro, sobre a construção do paradigma da Sustentabilidade.

Iniciamos este capítulo, pelo momento que se cunhou a palavra Utopia, através da literatura de Thomas Morus, apresentando-se uma nova possibilidade de

<sup>57</sup> SCHMIDT, Afonso. *Colônia Cecília*. Romance de uma experiência anarquista. 3º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980, p.15.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p.45.

construção societária por conta da insatisfação política e social na Inglaterra, no séc. XVI. Em seguida, o modelo fourierista foi abordado pela sua elaboração de uma sociedade harmônica em torno do *prazer*. Desta forma, as desigualdades são apontadas com o objetivo de se repensar a inclusão de desejos tão diversos. Em Thoreau, a experimentação de um novo modelo de vida ocorre por conta da solidão e do distanciamento da sociedade corrompida. No anarquismo da Colonia Cecília, abordamos a liberdade e a tentativa de se formar uma comunidade com bases sociais igualitárias.

No capítulo a seguir, dois movimentos (utópicos) são pontuados com o olhar voltado para o campo do Design: o Construtivismo russo e a segunda Bauhaus. Destacamos o Construtivismo russo como um dos movimentos que exerceram grande articulação no campo do Design, com engajamento político, e oferecendo suportes para a promoção de uma revolução social. A segunda Bauhaus surge com suas idéias, e também personagens, oriundos do Construtivismo russo.

Questionar, refletir e propor modelos de vida que podem ser até identificados através de novos produtos, significa reinventar o cotidiano.

E assim iniciou-se um movimento que gerou desdobramentos essenciais para o Design contemporâneo, que se propõe sustentável.